



A ANGÚSTIA E O RACISMO MIDIÁTICO: UM OLHAR FENOMENOLOGICO EXISTENCIAL

Marwyn Soares de Souza, Sharlys Jardim da Silva Santos

O espaço que as redes sociais têm alcançado na sociedade, cresce cada vez mais, não só como um veículo para encontros virtuais entre amigos e de relacionamentos, mas também para veiculações de notícias e sofrimento psíquico. A liberdade que a mídia social oferece aos usuários, tem transformado cada vez mais a internet em uma ferramenta de comunicação e participação ativa para compartilharem suas alegrias, críticas políticas e sociais, desabafos, protestos e preconceitos etno raciais “[...] é ela que exclui ou põe em evidencia, torna invisível ou visível, divulga ou omite certos fatos, e, por que não, certos indivíduos. Ou seja, a mídia, assim, significa o próprio poder” (FERRO, 2016, p. 30). O objetivo da pesquisa é investigar como a internet, através das redes sociais Facebook, Instagram e Twitter, veiculam discursos de ódio sobre o negro; e como lidar com a angústia gerada pelos agressores a suas vítimas. Compreendemos as redes sociais como campo empírico de amplo alcance, assim optaremos em realizar a pesquisa na cidade de Campos dos Goytacazes no estado do Rio de Janeiro. Pretendemos realizar a pesquisa de campo baseada no método quantitativo e qualitativo. Como instrumentos para a coleta de dados, utilizaremos o formulário online do Google, onde formalizaremos o questionário estruturado contemplando os principais objetivos deste trabalho. Constatamos que o racismo está interligado as estruturas sociais e que o racismo vai atuar na produção de angústia e conflitos existenciais, desvelando-se, como exemplo, nos conflitos de autoimagem, de identidade e psicoemocional. Dito isto, 94,7% dos entrevistados afirmam que o racismo gera angústia; 4% afirmam que talvez gere angústia e 1,3% afirmam que não gera angústia. E sobre os conflitos existenciais devidos o preconceito étnico racial, 61,3% afirmam que não viveu ou vivem conflitos existenciais devido aos preconceitos étnicos raciais; 33,3% afirmam que já viveram, e 5,3% não declararam. Sendo assim, “[...] as experiências do racismo impõem um fardo psicológico significativo sobre as pessoas” (PIETERSE, *et al.* 2012 apud DAMASCENO & ZANELLO, p. 452, 2018), o que também convocar a pensar as possibilidades dos diversos modos de adoecimento que tem como o gatilho da “*emocionalidade*” (SOUZA, 1983, p.19) o racismo estrutura, institucional, recreativo e interpessoal segundo os autores (MOREIRA, 2019; SILVA, 2019; KILOMBA, 2019). Consideramos que não seja o fim, mas um grande início para provocar e fermentar os estudos sobre as relações étnicas-raciais interseccionais e suas interlocuções com os diversos campos das ciências humanas, sociais, psicologia e com todas as outras formas de partilharmento de conhecimento.